

SIMULAÇÕES E SIMULACROS: A AMIZADE NO CONTEMPORÂNEO

Bruno Cirino da Conceição.



Introdução

Na atualidade, dificilmente não há quem não tenha se deparado com diversas narrativas e, conseqüentemente, de interpretações para um mesma situação amorosa. Desde a antiguidade, amor e paixão são tratados pela filosofia, todavia ultimamente vem sendo negligenciados. Estranho, pois os filósofos deveriam ser os seus mais fortes guardiões, mesmo porque tal sentimento não é alvo de estudo de outras ciências e infelizmente não é tido como assunto de grandes debates e nem como conversa séria para grande parte dos indivíduos. Engrossando a listagem dos temas negligenciados temos a amizade, embora esta continua sendo usada até os dias de hoje: romances, quadrinhos, filmes e desenhos, etc. Nossa proposta é apresentar um aprofundamento reflexivo deste tipo de relação.

A amizade é tida pelos mais antigos como um dos bens e um dos sentimentos mais preciosos que existem e que devemos cultivar na vida. Na filosofia não é diferente - com exceção de alguns autores que acreditam em um contrato social em que já nascemos sendo o maior predador natural de nossa própria espécie – ela é e continua sendo um dos bens mais preciosos que nós humanos podemos adquirir. A relevância deste artigo é o fato de que estarmos caminhando a passos largos em direção à novas tecnologias e novas fontes de

informação e comunicação. Chaplin em seu discurso no filme encenado por ele “O grande ditador”, afirma nossa preocupação:

“Estamos cada vez mais desenvolvendo meios de comunicação, e ao mesmo tempo estamos ficando cada vez mais sozinhos”. (CHAPLIN, 1940).

E assim como em 1940, Chaplin já denunciava este fenômeno, encontramos diversos autores, expondo suas opiniões sobre a importância da amizade que se encontra em vias de uma deterioração profunda na sociedade atual.

I.

De acordo com O Filósofo, a natureza da amizade extremamente necessária na vida e na sociedade, sendo ela uma forma de excelência moral. Por mais que um indivíduo seja isolado ninguém deseja viver sem amigos. Mesmo aqueles com alto padrão de vida e completamente independentes financeiramente, pois não adianta possuir sem ter com quem desfrutar dessas posses. Não somos ingênuos de pensar que, por conveniência, muitas pessoas farão de tudo para serem agregadas ao círculo social de alguém que tenha tal independência financeira. Mas não é apenas desta espécie de amizade que iremos tratar, antes daquela que se coloca para além das circunstâncias. A amizade serve de abrigo para aquele que é menos independente e sem posses e como diz aquele velho ditado; “Quem tem amigos não passa fome”, sendo assim nestas condições manifesta-se a amizade em sua maior pureza: o cuidado, cuidar, o afeto, o desejo de estarem juntos são atributos presentes numa amizade verdadeira. Desta forma, O Filósofo propõe três razões para amizade e as divide em três espécies,

“Estas razões diferem especificamente entre si, e conseqüentemente as formas correspondentes de amor e amizade também diferem. Há, portanto, três espécies de amizade, em número igual às qualidades que merecem ser amadas, já que uma afeição recíproca, conhecida por ambas às partes, pode basear-se em cada uma das três qualidades, e quando duas pessoas se amam elas desejam bem uma á outra se referindo á qualidade que fundamenta a sua amizade. Os amigos cuja afeição é baseada no interesse não amam um ao outros por si mesmos, e sim por causa de algum um proveito que obtêm um do outro. O mesmo raciocínio se aplica aqueles que se amam às outras por causa do prazer, não é por causa do seu caráter que gostamos das pessoas espirituosas, mas porque as achamos agradáveis. Logo, as pessoas que amam as outras por interesse amam por causa do que é bom para si mesma, e aquelas que amam por causa do prazer amam por causa lhes é agradável, e não porque a outra pessoa é a pessoa que amam, mas porque ela é útil ou agradável.”. (ARISTÓTELS: 1994, p156).

Tal sentimento, algo essencial para o ser humano, pois a verdadeira essência é bondade e a reciprocidade. Como Aristóteles é perfeitamente didático para demonstrar suas ideias, acaba por dividir as pessoas em duas espécies: as boas e as malvadas com suas respectivas categorias:

“Já que a amizade se divide em duas espécies, as pessoas más serão amigas por prazer ou por interesse, portanto se assemelham sob este aspecto; as pessoas boas, porém, são amigas porque são como são, isto é, por causa de sua bondade. Elas são, portanto, amigas irrestritamente, ao passo que as outras são amigas acidentalmente e por analogia com as pessoas boas.”. (ARISTÓTELS: 1994, p156).

A amizade no pensamento do Filósofo representa algo de grande importância para a pólis, posto que se identifica com querer o bem do outro, se torna vital para a manutenção de uma República:

“A amizade parece também manter as cidades unidas, e parece que os legisladores se preocupam mais com ela do que com a justiça; efetivamente, a concórdia parece assemelhar-se á amizade, e eles procuram assegurá-la mais que tudo, ao mesmo tempo em que repelem tanto quanto possível o facciosismo, que é a inimizade nas cidades. Quando as pessoas são amigas não têm necessidade de justiça, enquanto mesmo quando são justas elas necessitam da amizade; considera-se que a mais autêntica forma de justiça é uma disposição amistosa.” (ARISTÓTELS: 1970 p156).

II.

Assim como Aristóteles, Montaigne reforça o pensamento do Filósofo, trazendo em seu pensamento a ideia de que quando há reciprocidade há justiça entre os amigos - revela-se como o mais puro dos sentimentos.

Segundo Montaigne, neste tipo de amizade onde existe uma reciprocidade maior, a amizade ganha uma força inexplicável e fatal, que é impossível de defini-la: “E mais do que poderia dizer, de uma maneira geral e no caso com apreço, intervém em ligações dessa natureza uma força inexplicável e fatal que eu não poderia definir” (MONTAIGNE: 1970 p92).

Este não poder explicar, nos dá uma ideia de quão importante e especial se torna tal sentimento. Como de fato ocorreu na sua amizade com La Boétie. Quando Montaigne relata seu sentimento de amizade com ele diz que ambos procuravam tal amizade, como se procurassem algo que tinham certeza de encontrar.

Tal amizade se deu e cresceu a tal ponto, segundo o próprio Montaigne, pois suas ideias e pensamentos eram parecidos, permitindo assim não só seu nascimento, mas a consolidação. A afinidade tão grande apareceu mesmo

antes de se conhecerem fisicamente, estes pensamentos e ideias geraram uma socialização de sentimentos e demonstrações que já era difícil de encontrar na sua época.

“Abraçávamo-nos pelos nossos nomes e em nosso primeiro encontro casual e Bordéus, por ocasião a uma festa pública e em numerosa companhia, sentimo-nos tão atraídos um pelo outro, já tão próximos, já tão íntimos que desde então, não se viram outros tão íntimos quanto nós”. (MONTAIGNE: 1970).

III

As ideias - Liquidez e Simulacro, vêm sendo apresentadas por muitos pensadores contemporâneos, abrangem muitos assuntos e envolvem também as relações de amizade.

O primeiro termo - de liquidez, se trata uma metáfora que condiz com a inconstância da modernidade e sua falta de tempo, em alusão a Marx no “Manifesto Comunista” quando se refere a “derreter os sólidos” como um sentimento da modernidade.

“Essas e outras objeções semelhantes são justificadas, e o pareceram ainda mais se lembrarmos de que a famosa frase derreter os sólidos, quando cunhada há um século e meio pelos autores do manifesto comunista, referia-se ao tratamento que o autoconfiante e exuberante espírito moderno dava a sociedade, que considerava estagnada demais para seu gosto e resistente demais para mudar e amoldar-se a suas ambições – por que congelada em seus caminhos habituais. Se o espírito o espírito era moderno, ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da mão morta de sua história – e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição dissolvendo o que quer persistisse no tempo e fosse infenso a passagem ou imune ao seu fluxo)”. (BAUMAN: 1970, p13).

O problema consiste na substituição: o modelo antigo do sólido que se modernizou, porém tornou-se deficiente. Era preciso um novo sólido, agora aperfeiçoado, visto que muitos se encontram em condições de ferrugem, então foi necessário derretê-los para que fossem criados novos. Esta analogia com os metais pode ser transposta para os relacionamentos atuais. É preciso, derreter aquilo que jazia de sólido nas antigas instituições, e remodela-las aos novos tempos. A matéria-prima é a mesma, mas sua forma é nova, o que reafirma um arranjo pessoal de valores que podem estar presentes ou não, em intensidades variadas, tais como: lealdade, obrigação, ética, respeito, sinceridade que abrigam os laços de amizade.

“Fluidez é a qualidade de líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a enciclopédia britânica, com a autoridade que tem nos informa é que eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante como imóveis e assim sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão. Essa contínua e irrecuperável mudança de posição de uma parte do material em relação à outra parte quando sob pressão deformante constitui o fluxo, propriedade característica dos fluidos. Em contraste, as forças deformantes num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar a sua forma original”. (BAUMAN: 2001, p8).

Às ideias de liquidez, nos termos apresentados acima, colocam em paralelo os diversos tipos de amizade apresentados. Há, portanto, amizades por interesse e aquelas –raras hoje em dia – que, de fato, promulgam o querer bem. Tal sentimento é o que rege a verdadeira amizade que todos homens procuram. Contudo, com o crescente uso das tecnologias e da comunicação, substitui o contato pessoal por simulações de contato, pois a ‘frequentação’, como diz Montaigne é essencial para a cumplicidade de uma relação.

Na verdade, não só há uma simulação de contato, mas ousamos pensar, em uma própria dissimulação do sujeito que passa a representar-se de modo diferente – criando para si, mas antes para os outros, uma imagem ideal, num mundo ideal, sem qualquer problema ou dor, um mundo cor-de-rosa, apresentado nas redes sociais – do seu mundo real.

Destarte, promove um afastamento dos sentimentos que constroem a amizade: o querer o bem do outro e o cuidado se tornaram efêmeros e voláteis, pois aquilo que é manifesto pelas redes sociais esconde o próprio sujeito de si mesmo, o que agrava sua situação: ao fazê-lo, impede o outro de se colocar na posição daquele que cuida. Todos parecem tão bem, que não parece ser preciso dispensar maiores cuidados:

“Já que esqueceram ou não se preocuparam em adquirir as habilidades necessárias pra viver com a diferença, não surpreende muito que essas pessoas vejam com um horror crescente a possibilidade de se confrontarem face a face com estranhos. Estes tendem a parecer ainda mais assustadores na medida em que se tornam cada vez mais diferentes, exóticos e incompreensíveis, e em que o diálogo e a interação que poderiam acabar assimilando sua ‘alteridade’ se diluem ou nem chegam a ter lugar. O impulso que conduz a um ambiente homogêneo e territorialmente isolado pode ser disparado pela mixo fobia, mas praticar a separação territorial significa preservá-la e alimentá-la”. (BAUMAN: 1991, p114).

Nestas circunstâncias, o que se nota é o isolamento, apesar do acesso à comunicação, que toma para si, ideias equivocadas sobre determinado sentimento, tomando sua representação por algo real: como por exemplo, o fato de ter alguém como amigo, pelo simples fato de deste estar em sua rede

de amigos, em determinada rede social, transformando esta representação como um signo.

“A prática dos signos é sempre ambivalente, tem sempre como função esconjurar, no duplo sentido do termo: fazer surgir para captar por signos (as forças, o real, a felicidade, etc.) e evocar algo par o negar e recalcar. Sabe-se que o pensamento mágico dos mitos procura conjurar a mudança e a história. De certa maneira, o consumo generalizado de imagens, de fatos e de informações também se esforçam por conjurar o real nos signos do real, por conjurar a história nos signos da mudança, etc. (BAUDRILLARD: 1991 p23).

Estes signos são oriundos de um processo de simulação de determinadas ideia ou sentimentos, são tidos como algo real. Estes desembocam em simulacros, que segundo Baudrillard, é o ambiente em que estas simulações são concebidas.

Percebemos que cada vez mais pessoas se relacionam por meios de veículos de comunicação, denominando-as de ‘amizade’, quando na verdade, o verdadeiro vínculo não é fluído. Pelo contrário, é muito ‘sólido’. Tais relações na contemporaneidade se dão por representação, e ocorrem com muita facilidade, pois se alguém diz algo que não se quer ouvir ou que já não é mais interessante ouvir, simplesmente aperta-se o botão de ‘excluir’ e pronto. Tudo é fluído, porque superficial, e rápido: “eu te amo”, “sinto muitas saudades de você” são expressos com uma facilidade tremenda como se alguém estivesse em um restaurante pedindo um prato. Não há mais a necessidade física do contato, mas apenas. uma simples representação tida como real.

Como conclusão, diremos que a sociedade chegou a tal ponto onde nos tornamos criações de nós mesmos, criando representações de amor, de afinidade e de amizade, cada vez mais nos esquecendo das verdadeiras relações que desde a antiguidade estabeleceu como um dos mais importantes sentimentos da humanidade – a amizade.

Bibliografia

ARISTÓTELES. *Ética a Nicomacos*. Lisboa: Bertrand, 1994.

BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacro e simulação*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MONTAIGNE, Michael de. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1970.